



CONCEITOS E GÊNESE ACERCA DA MORAL REGENTE NO COMPORTAMENTO SEXUAL FEMININO NO OCIDENTE ENTRE OS SECULOS XVI - XX

Eduarda Bento Severo¹
Mayara Barbosa Costa²

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um estudo teórico das concepções sobre a sexualidade feminina na história ocidental, priorizando o Brasil no século XVI - XX, além de investigar o papel da mulher na sociedade, o seu comportamento antes e depois do matrimônio, a forma como ela foi e continua sendo tratada historicamente, bem como a importância de inseri-la como sujeito da história. Se norteando por meio de uma abordagem, aonde serão estabelecidas discussões sobre essa temática, especialmente os conceitos que serviram como base para o desenvolvimento da pesquisa, como os conceitos de sexo e sexualidade. O mesmo utiliza-se de textos que procuram evidenciar sua trajetória e função em diferentes tempos na sociedade, descrevendo também sobre a família, a educação e o trabalho.

Palavras-chave: Sexualidade feminina, Matrimônio, Moral cristã.

INTRODUÇÃO

A eterna mudança das sociedades humanas e de seu reajuste a novas condições tem sido o enredo principal da História. Enquanto ciência, mais do que captar o passado, o conhecimento histórico se encarrega de dar conta da explicação das variações e transformações vividas pela humanidade ao longo do tempo e do espaço. É nesse contexto, que o presente trabalho, o qual se enquadra no estilo de revisão bibliográfica, busca expor algumas teorias acerca da sexualidade feminina no ocidente desde o século XVI até o século XX, com o intuito de compreender suas transformações ao longo da história brasileira. Como assinala Del Priore:

Historiadores britânicos afirmam que “o amor como base do casamento” talvez seja a mais importante mudança nas mentalidades, ocorrida no limiar da Idade Moderna

¹Graduada em História pela Universidade de Pernambuco – UPE – *Campus Garanhuns*, Pós-Graduada em Ensino de História pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante – FAVENI, eduarda_severo@outlook.com

²Especialista em Educação a Distância: Gestão e Tutoria, Docência no Ensino Superior e em Investigação Forense e Perícia Criminal, pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci - UNIASSELVI, mayara_10barbosa@hotmail.com.



ou, possivelmente, nos últimos mil anos da “história ocidental”. Já os franceses concordam que uma “revolução afetiva teria se localizado predominantemente no século XVIII e início do século XIX”, modificando de maneira radical os sentimentos amorosos (DEL PRIORE, 2006, p. 11).

Através de fatos consumados, relatados e presentes na história do nosso país, verificamos que a mulher não exercia os seus direitos, era submissa tanto ao marido, que possuía o pátrio poder no casamento, quanto ao pai que o possuía dentro da esfera familiar, tendo ambos a mulher como propriedade e objeto de manipulação. As mulheres existentes no passado do nosso país não tinham voz ativa, não participavam na esfera econômica, social e política, não podiam trabalhar, nem opinar no casamento, na família e em nada ligado à sua existência como ser no século XX, sendo as mulheres totalmente anuladas, humilhadas, desprezadas e discriminadas pelo marido, pais, filhos e a sociedade da época no Brasil, que as tratavam como um ser sem importância, alguém sem personalidade, sem sentimentos e sem direitos.

As concepções divulgadas no século XVII reforçaram a imagem da mulher como um ser sem vontade própria. Rousseau detinha um discurso de que a educação feminina deveria ser restrita ao doméstico, pois, segundo ele, as mulheres não deveriam ir em busca do saber, considerado contrário à sua natureza e essa sociedade que lutava tanto por liberdade, passou a exigir que as mulheres fizessem parte dela, mas como mães, guardiãs dos costumes, e como seres dispostos a servir o homem (ROUSSEAU apud GASPARI, 2003, p.29).

Kant usa um discurso sexista ao descrever sobre a mulher e seu viver para o homem, não a reconhecendo enquanto sujeito atuante da história (KANT apud GASPARI, 2003, p. 31). Foi influenciado por Rousseau ao utilizar a ideia de inferioridade feminina com relação à sua incapacidade de raciocinar como o homem, reforçando a ideia de inferioridade feminina.

Segundo Rodrigues, cabe ao homem a responsabilidade de manter a mulher dependente e sob seu domínio. Assim ele entende que o homem tem de “[...] conceber a mulher como 'posse' como propriedade a manter sob sete chaves, como algo destinado a servir e que só então se realiza” (RODRIGUES 1992, p.143). Na sua concepção, ele define “cabeça oca” os homens que apóiam a emancipação feminina, a qual ele considera ponto alto para a regressão da mulher e a perda da feminilidade

Além disso vale ressaltar que foram enormes as mudanças ocorridas nas leis e na jurisprudência do país ao longo dos anos nos mostram que a atuação da mulher, presente em todas as áreas da sociedade brasileira, está cada vez maior. Podemos perceber que aos poucos a mulher veio conquistando mais espaço, e a maior contribuição para que estes fatos



ocorressem foi a sua presença, cada vez maior, crescente e constante, não só no espaço familiar e na esfera trabalhista, mas também na política e na economia do país.

Sendo assim, esse trabalho tem como intuito promover uma discussão de situações que permeiam a vida das mulheres nas sociedades patriarcais, como é o caso da nossa, e propor uma análise da sexualidade feminina no ocidente, tornando-se uma reflexão sobre os caminhos percorridos pelas mulheres ao longo do tempo, dentro e fora do matrimônio. Além disso, se faz necessário que os homens percebam que uma sociedade melhor requer o reconhecimento de várias opressões sociais e uma constante reflexão dialógica, para que as existências não sejam anuladas e para que as diferenças tenham o espaço necessário para serem negociadas.

METODOLOGIA

Como se trata de uma análise social e cultural de uma época tão importante para a história, a metodologia de estudo deste trabalho teve início com a análise inicial do tema, tendo como objetivo o aprimoramento da área com o decorrer das leituras que envolvem o tema de escolha, sendo feita uma busca por leituras com o máximo de informações possíveis, informações essas confiáveis, baseadas em livros de destaque e autores que proporcionem um entendimento sobre essa temática dentro da linha temporal escolhida.

Ao decorrer do texto é traçada uma introdução sobre o conceito de sexo e sexualidade no ocidente com foco entre os séculos XVI - XX, uma vez que nesse período a mulher era um ser destinado à procriação e ao lar. Durante o desenvolvimento das sociedades, a história registra a discriminação homem-mulher, principalmente em relação à educação. Ao atribuir aos homens a condição de donos do saber e às mulheres o papel feminino, subordinado ideologicamente ao poder masculino, a história vem salientar as desigualdades.

"A relação entre a mulher e o marido, em muitas situações, representava um apanágio do modelo escravista. Reproduzia no micro espaço da casa o que se configurava na relação com os escravos. Sucumbindo nesse santo território, seu espaço, ocupará uma função de 'império' do lar, de modo a vivenciar a maternidade, os cuidados da cria, além do marido; lançando as sementes da 'rainha do lar". (SILVA, 1993, p.115)

Considerando o sexo como uma dimensão física e biológica relativa aos órgãos sexuais e à genialidade, assim como o próprio ato sexual; a sexualidade é compreendida como uma dimensão histórica e cultural com relação à qualidade das vivências sexuais, sendo assim esse trabalho tem como base dados qualitativos, releituras e interpretações de autores do ramo



de gênero, que de certa forma dispões de um acervo bibliográfico bastante acessível, contribuindo assim para a busca e o aperfeiçoamento restritivo da temática, como Mary Del Priore, Georges Duby, Michel Foucault e Pierre Bourdieu. Outra forma de fonte bastante utilizada na composição desse trabalho remete a dissertações e pequenos artigos encontrados na internet em formato de PDF, que possibilitaram uma análise do “mundo sexual” das mulheres, entendendo os mecanismos sócio-históricos que valorizam e proporcionam uma maior liberdade ao sexo feminino em meio as relações sociais e culturais que as envolvem.

REFERENCIAL TEÓRICO

Desde muito tempo o termo sexualidade é visto e tratado de forma bastante complexa, porém cada vez mais isso vem servindo como objeto de pesquisa para vários historiadores. Entretanto, grande parte dos pesquisadores dessa área afirmam que sexo e sexualidade são conceitos diferentes e que não devem ser usados como sinônimos. Pois a palavra sexo segundo Senem e Caramaschi (2017) apesar de ser considerada algo primordial no que se refere as características do ser humano, só teve origem apenas no século XII, sendo utilizada para diferenciar a mulher do homem, ou seja, o sexo feminino do masculino, possuindo um referencial fisiológico que está diretamente ligado aos órgãos sexuais do corpo humano.

Diferente do conceito de sexo que foi mencionado anteriormente, a sexualidade segundo Sigmund Freud (1913), que foi um dos primeiros estudiosos que determinou esse conceito como algo diferente do sexo, conseguiu expandir a sexualidade para além do ato sexual ou de qualquer vínculo exclusivo com a reprodução ou com os órgãos genitais. Para ele a sexualidade está presente no dia-a-dia de cada pessoa, passando a fazer parte da vida de cada indivíduo a partir do seu primeiro instante de vida, ou seja, do seu nascimento. Nesse sentido, “Sexualidade foi um conceito que surgiu apenas no século XIX sendo utilizado para representar a qualidade e a significação do que é sexual, ampliando assim a ideia de sexo” (SNOEK, 1981, BOZON, 2004; FEITOSA 2005).

Não é possível falar de sexualidade sem mencionar a influência que a mesma recebe nas diversas culturas; afinal, as diferentes sociedades, o modo como elas vivem e seus valores morais influenciam nos comportamentos sexuais de seus respectivos membros (NUNES, 1987). Pois a sexualidade não se trata apenas de um ato físico que é usado como uma forma para tentar aliviar as tensões do corpo, mas também é a base para a construção de uma moral e



para a organização social, que de certo modo não está isenta dos valores construídos em grupos, e, diferentes tempos e espaços históricos.

Ao longo da história ocidental segundo Senem e Caramaschi (2017), a sexualidade recebeu diferentes significados, sendo o primeiro momento chamado de sexualidade primitiva mítica, que ocorreu no período paleolítico, onde os elementos femininos, maternos e procriadores recebem grande destaque. Nesse contexto criaram-se as bases para modelos de organização matriarcal, e a divisão sexual do trabalho consistia em um típico cotidiano onde os homens saíam para caçar, enquanto as mulheres realizavam as atividades domésticas.

Segundo Nunes (1987), já no período neolítico foram encontrados registros que mostram o início do poder patriarcal, que de certo modo encontrava-se na fase inicial de seu desenvolvimento. No decorrer desse processo de transformação social, se torna notório a passagem de uma organização que antes era baseada em um modelo matriarcal para um modelo patriarcal, onde a imagem masculina passa agora a ser o centro das relações, exercendo poder e domínio, submetendo a mulher às suas vontades, ficando agora a figura feminina submissa ao controle masculino. Como demonstra Vicentino:

As atividades, que antes eram realizadas pelas mulheres, passaram agora para o exercício masculino; os deuses se tornaram machos e as leis, assim como a organização bélica e religiosa, tornaram-se exclusivamente masculinas (NUNES, 1987; VICENTINO, 1997).

Nota-se que as principais atividades e papéis de destaque sócio institucionais estava m nesse momento retidas ao domínio e representatividade masculina. Dentro do modelo patriarcal europeu ocidental a mulher torna-se extremamente submissa, e passa a ser educada para ter uma postura recatada, ser cautelosa, ser gentil e delicada. E ao mesmo tempo passam a ser valorizadas as atitudes e habilidades masculinas como a força, rigidez, ousadia e a liberdade sexual; a medida em que tais atributos iriam sendo naturalizados como uma espécie de elementos e poderes organicamente masculinos.

Ao analisar fica perceptível também que desde a narrativa cosmogônica³ bíblica (criacionismo), a mulher já era colocada em uma situação de subordinação ao homem, pois existia a ideia de que a mulher teve origem da matéria-prima do homem⁴, o que perpassa uma imagem de subordinação feminina em relação ao seu marido. Sendo assim vale ressaltar que a

³ O termo cosmogonia vem do grego kosmos, que significa universo, e de gignomai, que quer dizer nascimento ou gênese, explicando assim através de uma narrativa mítica ou bíblica a criação e a ordem do universo.

⁴ Deus fez cair um sono profundo sobre o homem, tomou então uma costela e no lugar fez crescer carne. Depois da costela que tinha tirado do homem, Deus modelou uma mulher e apresentou-a para o homem. Então o homem exclamou: “ Esta sim é ossos dos meus ossos e carne da minha carne! Ela será chamada de mulher porque foi tirada do homem! ” (Gênesis, 3:16. BÍBLIA SAGRADA. Trad. João Ferreira de Almeida).



presença do patriarcado se mantêm muito forte ainda na atualidade, ficando nítida essa presença quando paramos para analisar alguns costumes que ainda são tão valorizados em pleno século XXI, como a virgindade e a fidelidade feminina, ou seja, valores esses que foram instituídos na sociedade primitiva.

A religião sempre foi parte integrante da cultura de um povo, não deixando de ser decisiva para analisar as relações entre os sexos. A imagem feminina constituída mediante a ideologia religiosa católica revela uma contribuição teórica importante para as possibilidades investigativas nos estudos de gênero. A religião representa o ponto crucial para onde convergem as relações de poder estabelecidas no nível do simbólico e do imaginário, por aglutinar a essencialidade da existência humana, que é a ideia de finitude da vida e, por meio dessa verdade, a necessidade sempre presente de explicar e atribuir sentido e significado às ações individuais e coletivas dos seres humanos.

No mundo ocidental as igrejas cristãs reforçam o papel de que a mulher está sujeita a vontade do homem. Sendo prova dessa afirmação o comportamento e alguns hábitos, com o intuito de demonstrar virtude e santidade. Prova dessa afirmação são os hábitos e comportamentos como vestuário, fidelidade, virgindade etc., que insistem em mantê-los como se fossem capazes de imprimir virtude e santidade aos adeptos. Além disso, a igreja católica também recusa a possibilidade de que a mulher possa ingressar em seu quadro sacerdotal, e mantém o dogma da indissolubilidade do casamento, afirmando esse ser um sacramento que representa a união de Cristo com a Igreja. “Maridos, amai as vossas esposas como Cristo amou a Igreja e se entregou por ela” (Efésios, 5,25)⁵.

A participação da igreja católica no que se refere a sujeição da mulher ao homem fica bastante perceptível em várias encíclicas papais, como a do Papa Pio XI, em 1931, no documento *Quadragesimo Anno*⁶:

[...], é uma iniquidade abusar da idade infantil ou da fraqueza feminina. As mães de família devem trabalhar em casa ou na vizinhança, dando-se aos cuidados domésticos. É um terrível abuso, que deve a todo o custo cessar, o de as obrigar, por causa da mesquinhez do salário paterno, a ganhar a vida fora das paredes domésticas, descuidando os zelos e deveres próprios e, sobretudo, a educação dos filhos. (CANEZIN, 2006, p.3)

⁵ Trad. João Ferreira de Almeida.

⁶ Carta encíclica do Papa Pio XI, 1931, sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social, em conformidade com a Lei Evangélica, no 40º aniversário da encíclica de Leão XIII, *Rerum Novarum*.



E a do Papa Pio XII, em 1.943, que retomava a mesma linha de pensamento:

Em um como em outro estado civil, o dever da mulher aparece nitidamente traçado pelos lineamentos, pelas atitudes, pelas faculdades peculiares do eu sexo. Colabora com o homem, mas no modo que lhe é próprio, segundo sua natural tendência. Ora, o ofício da mulher, sua maneira, sua inclinação inata, é a maternidade. Toda a mulher é destinada para ser mãe: mãe no sentido físico da palavra ou num significado mais espiritual e elevado, mas não menos real. A este fim o Criador ordenou todo o ser próprio da mulher, seu organismo, mas também seu espírito e, sobretudo, sua especial sensibilidade, de modo que a mulher, verdadeiramente tal, não pode de outro modo ver nem compreender a fundo todos os problemas da vida humana, senão com relação à família. Por isto, o sentido agudo de sua dignidade a coloca em apreensão cada vez que a ordem social ou política ameaça prejudicar sua missão materna, em favor da família. (CANEZIN, 2006, p.3)

Para entendermos como a igreja desempenha um papel importante na construção da moral das mulheres é importante ressaltar a concepção de que Maria foi virgem antes, durante e depois do parto, esse sendo considerado um dogma fundamental do catolicismo, na qual se baseou e se mantém a moral sexual na sociedade ocidental. Com isso ao analisar por esse lado, a Igreja Católica teria um papel fundamental na manutenção da valorização da virgindade feminina. A partir daí, entendemos que a manutenção deste dogma cristão é uma condição imprescindível para manter a moral sexual feminina no ocidente, como também para tornar legítima a violência e a dominação machista, responsáveis pela coerção sobre os direitos da mulher numa sociedade patriarcal.

No período medieval segundo Almeida (2016) as normas consideradas desviantes e os hábitos em desacordo com a moralidade eram severamente punidos pelo acatamento do conceito de pecado, e sua gênese bíblica, com a ameaça da excomunhão e do inferno. No adestramento dos corpos, o alvo principal se dirigia à sexualidade feminina, pois se esta ultrapassasse o permitido, ameaçaria o equilíbrio da família e do grupo social. De acordo Araújo,

Nunca se perdia a oportunidade de lembrar às mulheres o terrível mito do Éden, reafirmado e sempre presente na história humana. Não era de admirar, por exemplo, que o primeiro contato de Eva com as forças do mal, personificadas na serpente, inoculasse na própria natureza do feminino algo como um estigma atávico que predispunha fatalmente à transgressão, e esta, em sua medida extrema, revelava-se na prática das feiticeiras, detentoras de saberes e poderes ensinados por Satanás. (ARAÚJO, 1997, p. 46).

Esse estigma, com raízes na sexualidade fez com que as religiões cristãs dessem grande importância a uma imagética de pureza feminina, pelo regramento dos corpos e mentes. Os primeiros eram controlados com exacerbada vigilância de pais, irmãos e até mesmo pelos maridos, encarregados de erradicar nas mulheres sob sua guarda qualquer



tentativa de pecado carnal. As mentes eram passíveis de ser adestradas pela educação, utilizando-se de uma pedagogia do medo e da culpa que acabava tornado as mulheres reféns de sua própria aura de sedução e capacidade de despertar o desejo masculino.

A figura do confessor no interior das residências, bastante frequente nos séculos XIX e XX, demonstrava a influência da sacralidade católica no regramento da conduta feminina, numa prática voltada para a consciência do pecado que tinha suas origens no sexo. Por carregar a mancha do pecado original, a mulher deveria ser vigiada, mesmo que isso significasse impedir sua liberdade, abafar sua individualidade e privá-la do livre arbítrio.

A religiosidade, pela estreita relação que possui com o mundo sobrenatural, se revestia de caráter disciplinador e, ao mesmo tempo, consolador. Herdeira da tradição e ancorada no território do sagrado, a ideologia religiosa atuava como reguladora da consciência e estabelecia conexões com vários aspectos da prática social como a vida cotidiana, a fé, a economia, a política, a festa, os rituais, a educação e as relações entre os sexos, esculpindo assim as interfaces da cultura na convivência entre os seres humanos. Nesse universo, conviviam as questões ligadas à subjetividade, à identidade, ao sonho, à magia, às crenças e às representações. As simbologias referentes ao sexo feminino emergiam como categorizações distintas do mundo masculino, sendo vistas como portadoras de diferenças relacionais.

O olhar dominante, no exercício das relações de poder, também era passível de atribuir defeitos e qualidades nas suas relações de alteridade e, dependendo da expectativa que se tinha da conduta considerada certa ou desviante, reprimia e castigava com a mesma intensidade com a qual criava um esquema de simbologias acerca dessa alteridade. Esta poderia estar na contravenção das expectativas que o segmento dominante elaborou para o desempenho de papéis, fossem eles de natureza sexual, religiosa ou educativa, quando não se alinhavam com suas normas e regras de conduta.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No Brasil do descobrimento, desde o ano de 1500, a mulher era um ser sem expressão, anulado nas decisões da família e da sociedade monarquista da época, não era respeitada e era usada como moeda de troca. Vale enfatizar que nesse período o termo família estava vinculado a um grupo de pessoas ligadas pela descendência, pelo matrimônio ou pela adoção, que influenciavam ou eram influenciados por outras pessoas ou por grupos sociais.



O primeiro fato histórico importante relacionado à mulher em nosso país, e coincidentemente também relacionado ao direito, enquanto pessoa humana, foi a abolição da escravidão sancionada pela Princesa Isabel (em 13 de março de 1888), que trouxe à mulher a um patamar de visão política e destaque na sociedade, fazendo com que finalmente a mulher fosse notada e participasse de alguma decisão importante naquela época. Entretanto a mulher teve que esperar mais de três séculos para poder conquistar direitos possíveis de registros na história do país, pois conforme os escritos antigos, a mulher foi criada e educada somente para casar e ter filhos. A educação escolar e a participação ativa na sociedade sejam na política ou na economia não lhe eram permitidos até meados do século XX.

Sendo assim em meio a todo esse cenário marcado pela inferioridade sofrida pela figura feminina é importante mencionar algumas mulheres que viveram além de sua época, revolucionando o ambiente no qual viviam, mulheres guerreiras como Joana D'Ark, famosa por ter entrado no exército francês mesmo se tratando de uma figura feminina, Jane Austen, preeminente escritora inglesa que ao contrário do que a sua época empregava nunca se casou, no Brasil temos Chiquinha Gonzaga, a primeira mulher a comandar uma orquestra, entre outras que marcaram o mundo com sua coragem e perspicácia a não cumprir as ordens da época.

Entretanto as mulheres que aceitavam sua forma de vida foram em parte responsáveis pela inferioridade de seu gênero, e além disso as mesmas representaram a maioria, tornando bastante perceptível essa imagem submissa que a mulher sempre representou em comparação ao homem, e esse conceito não seria ignorado com relação ao matrimônio, onde a mulher não tinha direito algum na escolha de seu parceiro, assim como não tinha nenhum outro direito, e ao longo de sua vida seria da mesma forma, visto que até o período de seu casamento, quem lhe dava voz era o pai, durando o casamento, o marido, e caso o esposo venha a falecer antes dela, ela volta a pertencer ao meio masculino de sua família, ou seja a mulher era considerada uma figura sem voz e sem poder algum sobre si mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papel da mulher sempre esteve ligado aos interesses masculinos, colocando-as sempre em segundo plano, tornando-as submissas a figura masculina, onde o machismo sempre foi muito forte e ainda é nos mais diversos períodos da História. Sendo assim o presente trabalho preocupou-se em distinguir as diferenças entre os conceitos de sexo e



sexualidade, muitas vezes entendidos como sinônimos. Também foi feita uma análise da figura feminina levando em consideração sua submissão tanto ao pai quanto ao marido, que se fez presente durante muito tempo. Não deixando de destacar que as dimensões biológicas, psíquicas e culturais constituem a sexualidade de forma indissociáveis, sendo muitas vezes fragmentadas apenas para fins de pesquisa e estudo, tendo em vista a complexidade da questão.

O conhecimento da história e das vivências culturais dos diferentes povos e culturas sobre o sexo e a sexualidade possibilita a identificação dos diversos sentidos e significados que essa questão recebeu pela humanidade. Tal percepção propõe a necessidade desse tema ser compreendido dentro de uma perspectiva dialética, ampla, histórica e em contínua transformação. Desta forma, é possível desconstruir modelos cristalizados e hegemônicos que se perpetuaram durante muito tempo, permitindo o desenvolvimento de uma concepção ampla, crítica e plural da sexualidade humana.

Em meio as circunstâncias aqui analisadas tanto na vida real, na simbólica, e nos romances, com relação aos arranjos matrimoniais, à nova mulher e suas aspirações e vivências amorosas, coincidem com aquelas que Michelle Perrot (2005) chama de uma outra modernidade e iriam culminar no início do século XX.

Muitas foram as fases por qual passaram as mulheres até se chegar as conquistas da atualidade, foram lutas, disputas, humilhações, submissões, até se chegar a vitória denominada liberdade. A mulher conquistou a liberdade da fala, a liberdade da vestimenta, a liberdade política, trabalhista, jurídica, financeira e familiar. Mas muito ainda a mulher tem a buscar e a conquistar, infelizmente os salários ainda são menores se comparados aos masculinos, na política é ainda pouca a participação feminina, entretanto na instituição familiar foram grandes as suas conquistas, a mulher passou de submissa as ordens do marido a companheira e também administradora do lar, dos filhos e dos bens.

A sociedade evoluiu e foram criadas assim novos modelos de famílias, agora não somente administradas por homens, as mulheres passaram a ser chefes do lar, a ter a sua independência financeira, a criarem sozinhas seus filhos e não serem marginalizadas por isso, mas apesar de todo o crescimento feminino, a violência é um fato consumado no cotidiano de muitas delas, que apanham dos seus maridos ou companheiros e vivem em regime de total terror e medo, apesar da criação da Lei Maria Da Penha, muito ainda precisa ser revisto e refeito, sabemos que a luta continua e não terminará nunca. Dessa forma a elaboração desse trabalho, mesmo encontrando inúmeras dificuldades e contratemplos na sua construção, visa proporcionar um caminho para novas pesquisas e também contribuir para a história da



imagem feminina que vem mudando bastante e ganhando cada vez mais espaço e visibilidade ao longo do tempo.

REFERÊNCIAS

ALLEGRETTI, Fernanda Espindola ; RODRIGUES, A. P. K. ; GROSS, Carolina Baldissera . **O papel feminino através dos tempos a partir do estereótipo de gênero: uma pesquisa bibliográfica.** In: Salão do Conhecimento - XXVI Seminário de Iniciação Científica, 2018, Ijuí. Salão do Conhecimento 2018 - XXVI Seminário de Iniciação Científica, 2018.

ALMEIDA, Jane Soares de ; NICOLETTE, J. N. **Gênero, Educação e Religião: o poder simbólico na cultura e o discurso da desigualdade.** Religare (UFPB) , v. 13, p. 64-84, 2016.

ALMEIDA, Jane Soares de ; GOMES, C. S. . **De Eva a Maria: a educação feminina e o matrimônio católico.** Série-Estudos (UCDB) , v. 36, p. 253-264, 2013.

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

ANDRADE, M. C. M. . **O Século XIX: O Mundo burguês/ O casamento/ A nova mulher: O contexto histórico dos romances Madame Bovary, Ana Karenina, O Primo Basílio e Dom Casmurro.** Evidência (Araxá) , v. 9, p. 63-80, 2013.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina.** 11. ed. Tradução Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CARDOSO, Elizangela Barbosa . **Moças de família e códigos de sexualidade na primeira metade do século XX em Teresina/PI (ISSN 2179-8869).** Dimensões: Revista de História da UFES , v. 36, p. 31-54, 2016.

DAMATTA, Roberto. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.** 5. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DEL PRIORE, Mary. (org.) **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade.** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1988. Volume I.

GUIMARÃES, Solange Alves, : **A mulher e o fim do casamento entre 1924 e 1950 no município de Poções - Ba; 2004;** Monografia.

MENDONÇA, J. G. R. ; RIBEIRO, P. R. M. . **Algumas reflexões sobre a condição da mulher brasileira da colônia às primeiras décadas do século XX..** Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação , v. 5, p. 01-12, 2010.

PERROT, MICHELE. **As mulheres ou os silêncios da história.** Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005. (Coleção História).



SEMEM, C. J. ; CARAMASCHI, S. . **Concepção de Sexo e Sexualidade no Ocidente:** origem, história e atualidade. BARBARÓI (UNISC. ONLINE) , v. 1, p. 166-189, 2017.

SILVA, Gian Carlo Melo . **Um só corpo, uma só carne:** casamento, cotidiano e mestiçagem no Recife Colonial (1790-1800). 2. ed. Maceió: Editora Universitária da Universidade Federal de Alagoas, 2014. v. 1. 236 p.

SOUZA, Manuela Cunha de. **“Entre tantas Marias”:** nuances da identidade feminina no romance A prostituta, de Herberto Sales / Manuela Cunha de Souza. – Salvador, 2011.

SNOEK, J. **Ensaio da ética sexual: a sexualidade humana.** São Paulo: Paulinas, 1981.

VASCONCELOS, Vânia Nara Pereira. : **Evas e Marias em Serrolândia:** práticas e representações sobre as mulheres em uma cidade do interior (1960-1990). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.